

"O DIÁRIO DE ANNE FRANK EM QUADRINHOS": GUERRA, IDENTIDADE, TEMPO E LINGUAGEM

"ANNE FRANK: THE GRAPHIC DIARY", WAR, IDENTITY, TIME AND LANGUAGE

Maria Isabel Borges (UEL) 
0000-0002-3470-9566

Natália Marques de Jesus (UEL) 
0009-0000-3214-2351

Como citar: BORGES, M. I.; JESUS, N. M. de. "O Diário de Anne Frank em Quadrinhos": guerra, identidade, tempo e linguagem. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 13, n. 3, p. 26-69, set.-dez. 2024.

doi: 10.47295/mren.v13i3.1577
recebido em 23/02/2024 – aprovado em 20/02/2025



Resumo

Anne Frank foi uma garota judia que vivenciou os horrores do Holocausto. Por dois anos (1942-1944), ela morou em um esconderijo e registrou seu dia a dia em um diário, postumamente publicado em 1947. Folman e Polonsky recriaram, a partir da linguagem quadrinística, os relatos da jovem. Neste artigo, o objetivo principal é compreender como a Segunda Grande Guerra Mundial (1939-1945) influenciou na formação identitária da protagonista e narradora em *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018). Metodologicamente, contextualizou-se sócio-historicamente o diário em relação à época. Quanto à linguagem dos quadrinhos, foram considerados: (a) as formas de representação do tempo; (b) o enquadramento, as funções dos quadros e inter-relações. E, com base nas ideias de Bauman (2005), Silva (2014) e Woodward (2014) sobre as identidades humanas, foi feita a análise de sete fragmentos do diário em quadrinhos (olhar interpretativista e por amostragem). A Guerra se destacou como uma força propulsora da crise identitária de Anne a partir da retirada do direito, por exemplo, de posicionar-se como judia, jovem mulher, viver e crescer livremente. Aprisionada e obrigada a conviver com pessoas sem que fossem familiares, constantemente Anne era criticada e comparada à irmã Margot. Os pais e outros adultos diziam como ela deveria agir e pensar. Em meio à Guerra, aos conflitos evidenciados nas relações sociais no Anexo Secreto e aos próprios conflitos internos, Anne estava à mercê de um infundável processo identitário de formar-se, desfazer-se e refazer-se. Tudo isso se materializou na linguagem quadrinística.

Palavras-chave: Histórias em quadrinhos. Tempo. Identidade. Guerra. Anne Frank.

Abstract

Anne Frank was a Jewish girl who experienced the horrors of the Holocaust. For two years (1942-1944), she lived in hiding and recorded her daily life in a diary, which was published posthumously in 1947. Folman and Polonsky have recreated the young woman's stories using the language of comics. In this article, the main objective is to understand how the Second World War (1939-1945) influenced the identity development of the protagonist and narrator in *Anne Frank: The Graphic Diary* (Folman; Polonsky, 2018). Methodologically, the diary was contextualized socio-historically in relation to the time. As for the language of comics, we considered: (a) the ways in which time is represented; (b) the framing, the functions of the frames and interrelationships. Based on the ideas of Bauman (2005), Silva (2014) and Woodward (2014) on human identities, seven fragments of the graphic diary were analyzed (interpretivist look and sampling). The War stood out as a driving force behind Anne's identity crisis, as she was stripped of her right, for example, to position herself as a Jew, a young woman, to live and grow freely. Imprisoned and forced to live with people who were not her family, Anne was constantly criticized and compared to her sister Margot. Her parents and other adults told her how to act and think. In the midst of the war, of the conflicts evident in the social relationships in the Secret Annex and of her own internal conflicts, Anne was at the mercy of an endless identity process of forming, undoing and remaking herself. All this materialized in the language of comics.

Keywords: Comics. Time. Identity. War. Anne Frank.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Durante toda a história da humanidade, existiram e ainda persistem conflitos armados entre os povos, países e grupos. A Primeira Grande Guerra Mundial (1914-1918) pode ser considerada o primeiro conflito armado que mais impactou a história no século XX, por ser caracterizada como um exemplo de guerra total. Para Dall' Agnol e Dornelles Jr. (2017, p. 47), a guerra total está baseada na “[...] disseminação do impacto da guerra e da mobilização de toda a sociedade para o combate entre Estados”. Posteriormente a tal conflito, veio a Segunda Grande Guerra Mundial (1939-1945), um segundo exemplo de guerra total (ou mundial, como popularmente conhecida), já que “[...] não consiste apenas em um combate clássico entre forças militares, mas um conflito entre sociedades nacionais”. E ainda, destacam os estudiosos, nesse tipo de guerra, tornam-se foco do conflito as pessoas e as relações econômicas básicas que as sustentam. As pessoas comuns são, de fato, as principais vítimas.

Em O diário de Anne Frank em quadrinhos, uma recriação de Folman e Polonsky (2018) a partir do diário em prosa escrito pela jovem judia, personagem principal e narradora Anne (Frank, 1947/2022), é possível parcialmente compreender de que maneira uma guerra mundial (total, segundo Dall' Agnol e Dornelles Jr. (2017)) transforma as pessoas judias em protagonistas da perseguição desenfreada, desumana, predatória e de aniquilamento, realizada pelos nazistas, o conhecido antissemitismo. Infelizmente, segundo Carneiro (2007, p. 12), o antissemitismo apresenta-se de modo “[...] plurifacetado por excelência, com capacidade para deformar realidades e metamorfosear como um camaleão. Mentira e dubiedade são componentes comuns aos discursos racistas que, onde quer que apareçam, transformam o ódio em normas a serem observadas. E é sob a forma de discurso forjado que o anti-semitismo (sic) é interpretado, assemelhando-se a outros tipos de hostilidades manifestadas contra grupos étnicos ou minorias nacionais”. Nesse sentido, com a compreensão de algumas influências da Segunda Grande Guerra Mundial (1939-1945) (daqui em diante Guerra) na constituição identitária de Anne como protagonista e narradora de um diário em prosa popularmente conhecido, mundialmente lido e tido como documento histórico e testemunho ligado à perseguição aos judeus, também é possível combater os recentes revestimentos dos discursos de ódio, por exemplo, as práticas de

violência contra mulçumanos e judeus, em função do conflito iniciado em 7 de outubro de 2023 entre o grupo Hamas (Faixa de Gaza) e o Estado de Israel.

Sob a visão de Anne (fragmento 1), entende-se que qualquer um que tivesse descendência judia, seguindo total, parcialmente ou não os princípios religiosos do Judaísmo, passou a ser visto como o culpado da crise socioeconômica alemã. Percebe-se que o olhar da jovem judia retrata e documenta como se deu o antissemitismo na época.

Fragmento 1 - Quando ser judeu se torna um problema para os outros.



Fonte: Folman e Polonsky (2018, p. 12).

Neste artigo, o objetivo principal é compreender como a Guerra influenciou na formação identitária da protagonista e narradora em *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018). Também são necessários estes objetivos secundários:

- a) expor como é viver em meio à Guerra, a partir do que é relatado no diário e sob a perspectiva de Anne;
- b) relacionar a construção do tempo e dos quadros com as formas de representação da Guerra;
- c) estabelecer algumas conexões entre a linguagem quadrinística e a identidade, entendendo-se que, no diário (uma produção ficcional), se delineia uma representação dos humanos em tempos de guerra.

Os relatos de guerra são uma relevante fonte de informação para que se entenda como foi e é a vida das pessoas que vivenciaram os horrores dos combates, das perseguições, fugas

etc. Configuram documentos históricos fundamentais para também se compreender o “fascínio” humano, justificado por certa necessidade e reação de defesa, mas principalmente pela banalização da vida e da paz. Eles podem ser expostos por meio das mais diversas expressões artísticas, entre elas, as histórias em quadrinhos¹. *O diário de Anne Frank em quadrinhos* de Ari Folman e David Polonsky (2018) é um exemplo de relato sobre uma guerra. A narrativa foi recriada a partir do diário em prosa da garota judia Anne Frank (Frank, 1947), estruturando-se na complexidade da linguagem quadrinística, cuja autonomia para a construção dos sentidos e para contar histórias é um dos princípios, uma vez que é dotada de recursos e estratégias próprias (Acevedo, 1990; Cagnin, 2014; Eisner, 2010; McCloud, 2005; Ramos, 2010). “A leitura da história em quadrinhos é um ato de percepção estética e de esforço intelectual” (Eisner, 2010 p. 2). As legendas, os balões, as personagens e os quadros são alguns dos recursos constituintes de tal linguagem. Por exemplo, observou-se que há uma inter-relação entre os quadros e que é capaz de auxiliar na construção dos sentidos, vinculando-se a determinadas formas de representação do tempo e da Guerra no diário em quadrinhos. Por meio dos recursos quadrinísticos, é possível perceber os impactos do combate armamentista sobre a formação identitária de Anne Frank. O diário em quadrinhos foi organizado seguindo a sequência de datas referentes aos relatos de Anne Frank, também configurando uma narrativa linear, mesclando fatos cronologicamente organizados com reflexões e outros registros. Contou-se desde a mudança de Anne ainda criança da Alemanha para a Holanda (1933) até os últimos dias que viveu no esconderijo (1944).

Metodologicamente, foi feita uma breve contextualização sócio-histórica (Carneiro, 2005; Ortona, 1998; Rodrigues, 1988, Visentini, 2003), para que fosse situada a produção de *O diário em quadrinhos de Anne Frank* (Folman; Polonsky, 2018) em relação ao tempo histórico como vinculado à realidade e à história mundial (as Grandes Guerras Mundiais e o Holocausto). E, desse vínculo, buscou-se favorecer a percepção das influências tanto no desenvolvimento narrativo e dos registros, quanto na formação identitária de Anne. Assim, feita a contextualização (primeira seção após esta introdução), seguiu-se para a retomada de recursos e estratégias ligados à linguagem quadrinística (segunda e terceira seções), tais como: (a) formas de representação do tempo nos quadrinhos [os tipos de tempo — Cagnin (2014) e Ramos (2010); distinção entre tempo (*time*) e *timing* — Eisner (2010)]; (b) funções

¹ Há diversas histórias em quadrinhos que expõem a vida de pessoas que sobreviveram a conflitos. Em *Persepolis* de Marjane Satrapi (2007), observam-se os impactos da guerra entre Irã e Iraque na vida de Marji. Em *Maus: a história de um sobrevivente* de Art Spiegelman (2009), conta-se como o judeu Vladek sobreviveu aos horrores do Holocausto. Já em *Hiroshima – a cidade da calmaria* de Kouno (2010), são relatados os efeitos da Guerra, incluindo como a bomba atômica pulverizou as pessoas, transformando-as em pó. Anos depois, as pessoas continuavam morrendo e sofriam preconceito por serem sobreviventes.

dos quadros e inter-relações, formas de enquadramento (Acevedo, 1990; Eisner, 2010; Vergueiro, 2014b).

Quanto à identidade de Anne (quarta seção), foram retomadas algumas ideias de Bauman (2005), Silva (2014) e Woodward (2014) em relação: (1) à crise identitária que afeta as pessoas na contemporaneidade, entretanto já percebida em Anne, durante a Guerra; (2) aos elementos que impulsionam o constante refazer-se e desmoronar-se identitário, pois nada se estabiliza ou se apresenta como completo e homogêneo, sobretudo diante da Guerra e das exigências postas no cotidiano, no Anexo Secreto. Foram escolhidos 7 fragmentos, sendo interpretados à luz do entremear entre aspectos sócio-históricos (Guerra), linguagem dos quadrinhos e identidades formadas: um olhar interpretativista e por amostragem, ao mesmo tempo “teorizando” e “analisando”. Por último, algumas considerações finais são feitas.

2 UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA²

Entre 1914 e 1918, ocorreu a Primeira Guerra Mundial, motivada principalmente pela disputa territorial ocorrida entre países independentes economicamente e fortes militarmente. Esses países eram a Grã-Bretanha, a França, a Rússia, a Prússia, a Áustria-Hungria, a Alemanha e a Itália. Rodrigues (1988) e Visentini (2003) afirmam que a guerra se encerrou com uma forte retaliação ao país alemão, culpado por todo o embate. Por meio do Tratado de Versalhes, foram estipuladas penalidades à Alemanha. O país teve que pagar indenização aos outros, interromper o armamento de seu exército e renunciar às diversas colônias que havia conquistado durante a guerra. Entre elas, estava a Polônia (Rodrigues, 1988; Visentini, 2003).

Em 1933, Adolf Hitler assumiu a presidência da Alemanha. Em 1939, o líder alemão, desrespeitando o Tratado de Versalhes, invadiu a Polônia, dando início à Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Durante a Guerra, destacou-se o lançamento, executado pelos Estados Unidos, de duas bombas atômicas (1945) sobre as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki³.

² A contextualização sócio-histórica retoma aspectos já citados em trabalhos anteriores: Jesus (2018), que diz respeito aos resultados referentes à pesquisa desenvolvida como bolsista de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) (2017-2018); Borges e Jesus (2021), uma ampliação dos estudos sobre *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018).

³ Em um comparativo, a bomba de urânio *Little Boy* (detonada pelos Estados Unidos sobre a cidade de Hiroshima) tinha um potencial explosivo equivalente a 15 mil toneladas de TNT e matou 146 mil pessoas. Já a bomba de plutônio *Fat Man* (também lançada pelos Estados Unidos sobre a cidade de Nagasaki) teve um potencial explosivo de 21 mil toneladas de TNT, matando entre 28 mil e 49 mil pessoas somente no dia da explosão (Reportagem produzida por Carlos Serrano ao site da *BBC News Mundo*. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/resources/idtha05a8804-1912-4654-ae8a->

O acontecimento se deu como uma retaliação ao ataque japonês à base de *Pearl Harbor*, sofrido pelos americanos em 1941. O lançamento das bombas matou milhares de pessoas e marcou o fim da Guerra (Rodrigues, 1988; Visentini, 2003).

Seguem os principais fatos ocorridos durante a Guerra, tendo a participação dos Estados Unidos:

Quadro 1 – Fatos ocorridos durante a Guerra.

7 de dezembro de 1941	O Japão atacou a base naval de <i>Pearl Harbor</i> , no Havaí. Notando o enfraquecimento dos Estados Unidos, a Alemanha e a Itália também entraram em conflito com os norte-americanos.
1942	Ocorreu a <i>Batalha de Stalingrado</i> — a mais sangrenta ocorrida durante a Guerra. Na ocasião, Hitler invadiu Stalingrado, uma das cidades mais industrializadas da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e responsável por grande parte da produção de armas do Exército Vermelho. Após 200 dias de combate e muitas mortes, cerca de 200 mil soldados alemães se renderam às forças armadas de soviéticas.
setembro de 1943	A Itália firmou trégua com os Aliados e se voltou contra os países do Eixo.
6 de junho de 1944	Ocorreu o <i>Dia D</i> , a maior operação militar aeronaval da história. Nesse dia, o exército dos Aliados desembarcou nas praias da Normandia, norte da França, expulsando os alemães e libertando a França do domínio nazista. Ainda em 1944, o Exército Vermelho libertou a Polônia das “mãos” dos alemães e iniciou uma grande ofensiva contra os nazistas.
abril de 1945	Os soviéticos atacaram Berlim, fazendo com que ocorresse a queda definitiva do exército alemão.
30 de abril de 1945	Vendo a situação da Alemanha e temendo ser morto pelo exército inimigo, Hitler suicidou-se.
2 de maio de 1945	Os alemães se renderam.
7 de maio de 1945	Os alemães assinaram a rendição incondicional da Alemanha.

Fonte: Elaborado por Borges e Jesus (2021, p. 36-37), com base em Vizentini (2003) e Carneiro (2005).

Além das pessoas mortas em combate, muitas morreram em decorrência do antissemitismo, um movimento contra os judeus (Carneiro, 2005; 2007). Segundo Ortona (1998), o antissemitismo surgiu sob pretextos religiosos no século III a.C. e foi intensificado pelas ideias defendidas por Hitler sobre a Alemanha ser formada somente por alemães “puros”. Para ele, a Alemanha só prosperaria quando povos como os judeus, os deficientes físicos e mentais, os ciganos, os homossexuais e as pessoas negras deixassem o país. O líder nazista empenhou-se em executar tais pensamentos. Os judeus inicialmente tiveram seus bens materiais confiscados e apanhavam em praça pública. Para Hitler, expulsá-los da Alemanha não era suficiente. Era necessário eliminá-los do mundo. Para isso, ele enviava os judeus aos campos de concentração onde eram mortos em câmaras de gás e submetidos a trabalhos forçados, vivendo em condições desumanas. O massacre ficou conhecido como Holocausto.

27a56f1c2b8a#:~:text=Foi%20o%20suficiente%20para%20liberar,morrido%20no%20dia%20da%20explos%C3%A3o. Acesso em: 13 dez. 2023).

Anne Frank viveu durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) – conflito referido como Guerra, neste artigo. A adolescente, seus pais (Otto e Edith) e sua irmã (Margot), todos judeus e alemães, mudaram-se, em 1933, para a Holanda, com o intuito de fugirem do antissemitismo que se intensificava na Alemanha. Porém, não tardou para que os judeus passassem a ser perseguidos na Holanda. Isso motivou a ida da família Frank, em 1942, para um esconderijo conhecido como Anexo Secreto. O local tratava-se de um apartamento localizado nos fundos da empresa do pai de Anne. O local foi descoberto pela polícia nazista em 1944. Os fatos ocorridos durante os dois anos quando Anne morou no esconderijo foram registrados por ela em um diário, a Kitty. Anne e sua irmã morreram no campo de concentração de Bergen-Belsen. Otto foi o único morador do Anexo que sobreviveu ao Holocausto. Em 1947, ele publicou o diário da filha. Setenta⁴ anos depois, Folman e Polonsky, atendendo a pedidos da Fundação Anne Frank, recriaram⁵ o diário da jovem a partir da linguagem quadrinística.

3 O TEMPO NOS QUADRINHOS: ALGUMAS FORMAS DE REPRESENTAÇÃO

São múltiplas as maneiras de representar o tempo nas histórias, para que, de um lado, se instaure uma sequência narrativa e, de outro, o leitor possa compreender tal sequência, atribuindo-lhe sentidos. O tempo tanto precisa ser marcado e demarcado pelo quadrinista, quanto percebido pelo leitor. Uma relação de parceria necessária deve se estabelecer entre quem cria uma história em quadrinhos e quem a interprete. Em *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018), determinadas formas de representar o tempo estão direta ou indiretamente ligadas à Guerra.

Cagnin (2014, p. 72-73) propõe uma tipologia objetiva para representar o tempo a partir de seis formas: (1) “sequência de um antes e depois”; (2) histórico (“época ou era”); (3) astronômico; (4) meteorológico; (5) “tempo da narração”; (6) “tempo de leitura”. As duas últimas formas estão presentes em todas as histórias em quadrinhos. Segundo Ramos (2010), o tempo da narração diz respeito às ações relatadas que se “tornam presentes” quando lidas. Já o tempo

⁴ A primeira edição de *O diário de Anne Frank em quadrinhos* foi publicada em 2017. Neste trabalho, analisou-se a terceira edição da tradução brasileira, publicada em 2018.

⁵ A nomeação “recriação” é usada para valorizar a complexidade da linguagem autônoma das histórias em quadrinhos. Assim, entende-se que nomeações como “adaptação literária” remetem à ideia equivocada de que as histórias em quadrinhos não seriam autossuficientes quanto às estratégias e aos recursos, tendo em vista a construção de narrativas autônomas e independentes dos textos literários que se inspiraram. Com base nesse equívoco, tais histórias seriam classificadas como sublitteratura (Teixeira; Borges, 2019).

da leitura concentra-se no leitor, porque ele possui certo controle no desenvolvimento da linearidade narrativa. A narrativa progride à medida que ele vai realizando a leitura e simultaneamente dá um efeito de presente aos acontecimentos relatados no tempo da narração, como se estivessem acontecendo naquele instante. Daí, depreendem-se, ressalta Cagnin (2014), três tempos: (1) o passado, porque é anterior ao que foi lido; (2) o presente, que é o instante quando se lê; (3) o futuro, pois está relacionado ao que será lido.

Assim, o tempo da narração está diretamente vinculado ao mundo do que é contado, o desenrolar das ações postas em sequência, sob uma ótica cronológica. Já o tempo da leitura é exterior ao mundo narrativo de uma história em quadrinhos, porque depende do envolvimento do leitor. É um tempo paralelo ao tempo da narração e depende do ritmo de leitura estabelecido pelo próprio leitor. Em relação a *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018), a cronologia dos fatos, dos registros e das impressões são feitas a partir de datas, compreendidas entre 12 de junho de 1942 (sexta-feira) e 1º de agosto de 1944 (terça). Folman e Polonsky (2018) fizeram uma seleção dos registros, mantendo a cronologia ascendente. Ao todo, são 64 registros, todos diretamente direcionados à Kitty e demarcados na forma de uma legenda, presentificando Anne como narradora no mundo ficcional. Os demais tempos – antes-e-depois, histórico, meteorológico e astronômico – são representados no desenrolar narrativo, quer dizer, situados em relação ao tempo da narração.

Após ser presentada com um diário – a amiga Kitty (“Querida Kitty”, como carinhosamente o chamava) – Anne nele registrou fatos cotidianos e momentos prévios à Guerra e ao transcurso dela. Reflexões, desabafos e outras impressões também estavam ali entremeados. No fragmento 2, referindo-se ao um tempo antecessor à Guerra, é possível a compreensão de que a ação que marca e demarca os tempos é quando a garota, por meio da legenda, relatou à Kitty a gradual e consistente expansão do Movimento Nazista na Alemanha e, depois, por toda a Europa. O ódio contra os judeus deveria ser expresso (o soldado nazista cuspiendo quando Anne, irmã e mãe levavam a gata Moortje para um atendimento veterinário). Ainda os judeus não tinham sido classificados e obrigados a usar a Estrela de Davi no braço.

Fragmento 2 - Expansão do Nazismo e mudança na rotina dos judeus.



Fonte: Folman e Polonsky (2018, p. 13).

A suástica já tinha se consolidado como um símbolo do Partido Nazista e, posteriormente, do Nazismo como doutrina marcadamente antissemita e extremista, acreditando-se que, por meio dela, seria possível reerguer a Alemanha devastada pela Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e em grave crise socioeconômica. Com base na proposta de Cagnin (2014), o tempo da leitura, presentifica o que é retratado e lido no fragmento em questão. Pode-se dizer que o leitor (por exemplo, situado em 2024) volta a um tempo que provavelmente não o viveu. Mas, sob a ótica do registro de Anne, reconstrói o tempo quando ela, mãe, irmã e a gata realizaram certa ação; e, no meio do caminho, um fato histórico se desenrolava. O tempo da narração depende do tempo de leitura. A história se desenvolve em função do tempo do antes-e-depois. A ida ao veterinário (fragmento 2) é retratada em três quadros, correspondentes a três momentos: ida ao

veterinário (primeiro quadro), no consultório (segundo) e na volta para casa (terceiro). E ainda há um quarto quadro, já todas dentro de casa, quando encontraram o pai Otto lendo o jornal.

Ainda considerando a proposta de Cagnin (2014), é possível identificar o tempo histórico, porque os fatos se desenrolam na época da Guerra e momentos anteriores. A suástica (bandeiras estendidas em prédios e na praça, também reproduzida na capa do jornal), por exemplo, é uma marcação simbólica do Nazismo e do tempo da narração. Observando o céu, a luz e a água empoçada na rua, trata-se de uma ação ocorrida durante o dia, provavelmente um dia chuvoso e relativamente frio, já que mãe e filhas usavam casacos. Portanto, tem-se a demarcação dos tempos astronômico e meteorológico, retratados quando necessários ao desenvolvimento narrativo.

No fragmento 3, estão reunidos dois registros feitos por Anne, respectivamente em julho e dezembro de 1942: o primeiro quadro diz respeito ao momento quando a família estava indo para o Anexo Secreto (página 25); já os dois últimos representam o olhar da garota pela janela do esconderijo, durante o banho, quando via um casal conhecido de judeu sendo identificado e preso (página 57). O tempo meteorológico acrescenta um efeito de dor e tristeza aos dois momentos. O foco narrativo em primeira pessoa torna vívidas as emoções, uma tristeza e uma dor que vão crescendo à medida que ela vai narrando. Quando o leitor interpreta o texto em quadrinhos, também precisa levar em conta o efeito intensificador que a chuva acarreta. No primeiro quadro, Anne não fez menção à chuva, porém as linhas que retratam a densidade e continuidade de tal fenômeno da natureza reforçam tais emoções. No canto direito, em primeiro plano, é retratada a expressão de pena na face da mulher (desenho) e enfatizada por Anne (registro em forma de legenda). O destino dos judeus, na época, era simplesmente desumano: fuga, morte, prisão, humilhação etc. De certa maneira, isso faz o leitor se questionar por quais razões ou ainda por que seriam supostamente culpados pela crise vivida pelos alemães...

Fragmento 3 - O tempo meteorológico como intensificador das emoções.



Fonte: Folman e Polonsky (2018, p. 25 e p.57).

Nos dois últimos quadros (fragmento 3), já há seis meses aprisionada no Anexo, drasticamente a rotina da família Frank e de outros moradores se transformou. Os banhos deveriam acontecer à noite, sempre após o expediente da fábrica, para que ninguém suspeitasse que ali havia um esconderijo. As irmãs tomavam banho juntas. Enquanto Margot se banhava, muitas vezes Anne aproveitava para observar o que estava acontecendo no mundo exterior por meio de um abrir sutil da cortina da janela. Nesse dia em particular, 13 de dezembro de 1942, a jovem reconheceu um casal de judeus, como já dito. Pelo narrar, constrói-se a visão do mundo exterior, que era inacessível naquele momento e sem previsão quando o seria, a constante imprevisibilidade imposta pela Guerra. Por mais real que pudesse ser a chuva, cria-se uma expectativa que, em meio a uma multidão de pessoas desconhecidas que andavam pela rua e, depois, abrigavam-se da chuva usando sombrinhas, uma esperança poderia ter surgido quando reconheceu o casal. Mas logo desapareceu quando os dois foram levados presos. Emoldura-se um efeito de que o olhar de Anne e a conversa que as irmãs tiveram anteriormente do que escolheriam salvar para que os judeus fossem também salvos provocasse um sentimento de culpa. O antissemitismo irracional imposto pelo Nazismo elegia os judeus (e outros grupos) como culpados de maneira repetida e em várias circunstâncias (propagandas, práticas etc.), a ponto de

eles aceitarem tal culpa. Falava-se tanto que eles eram culpados e em todos lugares, logo deveria ser, de certa forma, “verdade” (uma naturalização da culpa). Com isso, a chuva retratada é muito mais do que relatar como estava o tempo em relação à meteorologia. Como destaca McCloud (2010), as linhas e os traços desenhados em um quadro representam aquilo que não se vê. Elas materializam o que se espera do leitor: certas emoções “despertadas” no momento da leitura.

Para Eisner (2010), o tempo (*time*) e o *timing* se diferem nas histórias em quadrinhos, porque a duração propositalmente construída está atrelada a emoções e efeitos previamente pensados pelo quadrinista, para que determinadas reações sejam provocadas no leitor. A construção do *timing* é inspirada nas experiências humanas, entretanto é preciso levar em conta que as histórias em quadrinhos são apresentadas ao leitor por meio de quadros inicialmente estáticos. As imagens tornam-se dinâmicas no tempo da leitura, contando com a contribuição fundamental do leitor. Por isso, é importante a (de)marcação temporal também agregando emoções (reações), resultado no *timing*.

A capacidade de expressar a passagem de tempo é decisiva para o sucesso de uma narrativa visual. É essa dimensão da compreensão humana que nos habilita a reconhecer e compartilhar emocionalmente a surpresa, o humor, o terror e todo o âmbito da expressão humana. [...] No cerne do uso sequencial de imagens com o intuito de expressar a passagem do tempo está o caráter compartilhado da sua percepção. Mas para expressar o *timing*, que é o uso dos elementos do tempo para a obtenção de uma mensagem ou emoção específica, a disposição dos quadrinhos passa a ser elemento fundamental (Eisner, 2010, p. 24).

Eisner (2010) elenca duas formas de representar o tempo e o *timing*, com base em duas estratégias de enquadramento: uma vinculada à fala e outra ao próprio tempo. A partir dos fragmentos anteriores, entende-se que a maneira como os registros de Anne foram selecionados e organizados, a fim de que fossem narrados ao leitor por meio da linguagem dos quadrinhos, é uma junção de balões e legendas. Anne se posiciona, em função das características do gênero diário, como narradora, aquela que faz os registros, claramente direcionados à Kitty. Ela estabelece um diálogo com a sua amiga, que, de certa maneira, representa o leitor. Folman e Polonsky (2018), a partir da linguagem quadrinística, fazem uso de dois recursos fundamentais para o retrato da interação: a legenda, porque presentifica a função de narradora no mundo ficcional do diário, também funcionando como organizadora dos fatos narrados; e os diferentes balões, sobretudo os de fala, porque as personagens dialogam entre si.

A ação de levar a gata Moortje ao veterinário representa o fato narrativo “maior” (fragmento 2), que foi devidamente dividido em quadros menores e sequenciados – o enquadramento. Em primeiro plano, ocorre o deslocamento de Anne, mãe e irmã levando a gata, com mudanças de lugares e situado em relação ao tempo, porém não é apresentado ao leitor, de maneira detalhada, a cada instante. Ao invés disso, há uma seleção de momentos do fato para apresentá-los ao leitor. Os cortes são inferidos pelo leitor. É preciso “calcular” a maneira como a narrativa será sequenciada em quadros, segundo Eisner (2010). Claramente se percebe tal precisão nos fragmentos em análise (fragmento 2): bastaram quatro quadros, cuidadosamente desenhados e selecionados, para mostrar como a doutrina nazista ia invadindo o dia a dia das pessoas, principalmente ia modificando e aterrorizando a vida dos judeus. Com isso, compreende-se como a culpa se transformava em parte dessa outra vida judia, como relatado por Anne ao reconhecer um casal e ter a impressão de que seu olhar o denunciava (fragmento 3). Isso remete à influência da perseguição que fazia com que os próprios judeus, em nome da sobrevivência, denunciavam uns aos outros. Também poderiam sentir vergonha de serem judeus.

O “parâmetro” para que o tempo seja construído e organizado nas histórias em quadrinhos está diretamente vinculado à menor unidade narrativa: o quadrinho, também chamado de vinheta ou quadro. O enredo de uma história em quadrinhos – o que será contado ao leitor – precisa ser distribuído e organizado em uma sequência; requer um enquadramento que decompõe uma história em pequenos quadros e simultaneamente arranjados em relação à página. Em meio a esse processo de enquadramento, o tempo é submetido às “regras” da linguagem dos quadrinhos, sempre tendo em vista a percepção do leitor. Graças a ele, o tempo inicialmente planejado e retratado em uma história em quadrinhos a partir do olhar do quadrinista será “revivido”, tornando-o dinâmico no momento da leitura, como já dito anteriormente.

Por isso, Eisner (2010) se pauta em Albert Einstein para dizer que a relatividade do tempo no âmbito da realidade se repete no mundo ficcional das histórias em quadrinhos. Tempo e espaço estão intimamente conectados e em perspectiva ao observador, que está em constante movimento no mundo real. O tempo também depende da percepção do movimento. “O ato de enquadrar ou emoldurar a ação não só define seu perímetro, mas estabelece a posição do leitor em relação à cena e indica a duração do evento. Na verdade, ele ‘comunica’ o tempo” (Eisner, 2010, p. 26). A partir das linhas demarcatórias de um quadro, um fragmento da cena pode ser

contido, podendo separar uma ação ou decompô-la em relação ao todo. Dessa forma, o tempo é construído na somatória dos quadros (fragmentos 2 – consulta veterinária), assim como no interior de cada um deles (fragmento 3 – efeitos da chuva), aspectos discutidos na próxima seção.

4 VINHETA, QUADRO OU QUADRINHO: CARACTERÍSTICAS DA MENOR UNIDADE NARRATIVA

O quadrinho (quadro ou vinheta) é a menor unidade narrativa de uma história em quadrinhos (Acevedo, 1990; Cagnin, 2014; Eisner, 2010; McCloud, 2005; Ramos, 2010; Vergueiro, 2014b). Nos limites internos de um quadro e na relação devidamente organizada, arranjada visualmente, esboça-se uma sequência narrativa; narram-se fatos e expressam-se emoções.

A função fundamental da arte dos quadrinhos, que é comunicar ideias e/ou histórias por meio de palavras e figuras, envolve o movimento de certas imagens (como pessoas e coisas) no espaço. Para lidar com a *captura* ou o encapsulamento desses eventos no fluxo da narrativa, eles devem ser decompostos em segmentos sequenciados. Esses segmentos são chamados quadrinhos, que não correspondem exatamente aos quadros cinematográficos. São parte do processo criativo, mais que resultado de uma tecnologia. (Eisner, 2010, p. 39).

Para Eisner (2010), quando se produz uma história em quadrinhos, uma arte está sendo criada, a arte sequencial. “As histórias em quadrinhos comunicam numa ‘linguagem’ que se vale da experiência visual ao criador e ao público”. Por isso, uma história em quadrinhos constitui uma arte sequencial⁶ que requer a compreensão do funcionamento da linguagem no qual está alicerçada tanto na visão do quadrinista – o artista sequencial, segundo Eisner (2010) – quanto na do leitor. O quadro, na condição de menor unidade narrativa, é uma das ferramentas basilares de tal linguagem.

Tendo como principal propriedade o encapsulamento, os quadros estão diretamente vinculados ao processo de enquadramento. “Agrupam-se cenário, personagens, fragmentos do espaço e do tempo. Tudo é encapsulado dentro de um conjunto de linhas, formando um retângulo, quadrado, esfera ou outro formato” (Ramos, 2010, p. 89). Em cada quadro, um

⁶ Com base em Acevedo (1990), Cagnin (2014), Eisner (2010), McCloud (2005), Ramos (2010) e Vergueiro (2014a; 2014b), a linguagem dos quadrinhos precisa ser compreendida adequadamente quanto à complexidade constituinte, permitindo a interpretação por parte do leitor da criação feita pelo quadrinista. Trata-se de um fundamento para o estudo das histórias em quadrinhos.

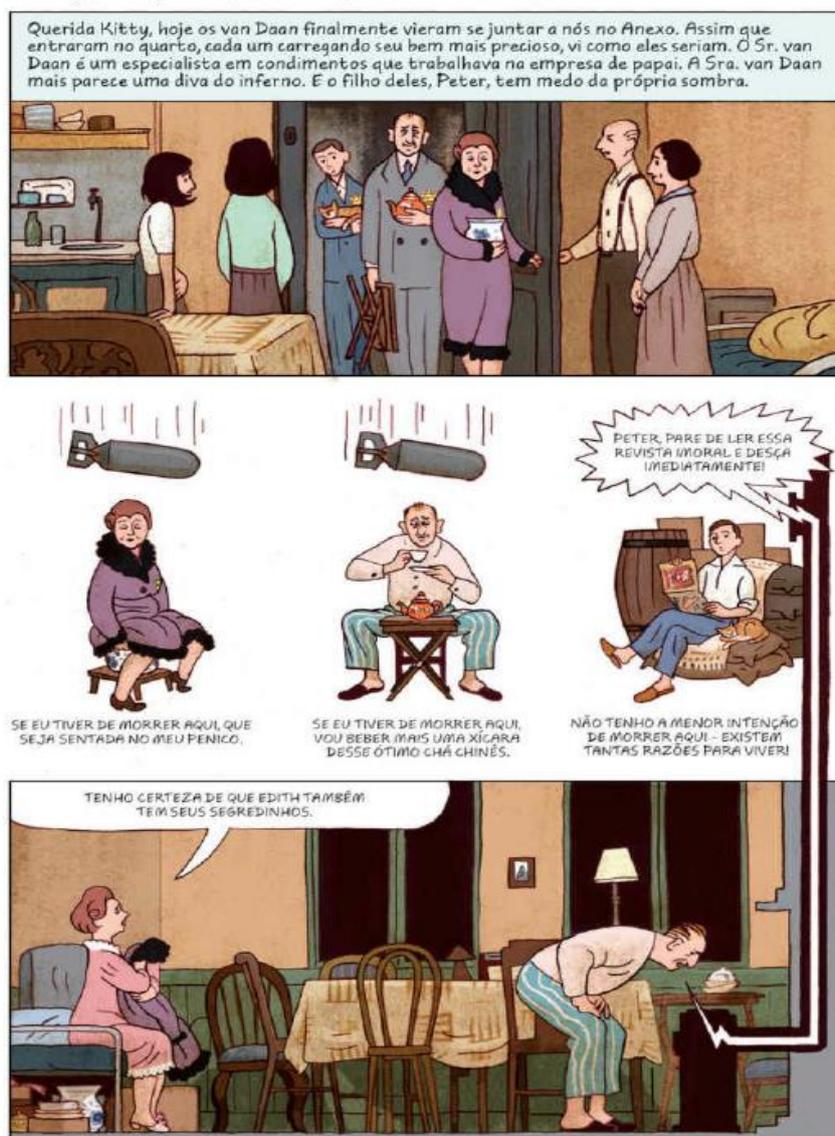
fragmento da história contada seria contida, delimitada, enquadrada, funcionando inicialmente como “contêiner” (Eisner, 2010, p. 44). Em contrapartida, isso não implica o aprisionamento dos elementos da linguagem quadrinística, porque, como destaca Vergueiro (2014b, p. 39), os quadros “[...] não representam uma gaiola da qual nada pode escapar”. A proposta pensada pelo quadrinista para criar uma história em quadrinhos direciona a maneira como será feito o enquadramento, demarcando as linhas total ou parcialmente. Ou ainda, é possível a ausência do contorno (Eisner, 2010; McCloud, 2005).

Retomando os fragmentos de 1 a 3, percebe-se que os quadros estão demarcados quanto às linhas de contorno. Trata-se de um exemplo de contenção da história narrada, guiando o leitor durante o tempo da leitura. Não se almeja o controle total dos efeitos de sentido no leitor; porém pretende-se, sim, o traçado de um caminho na expectativa de nele provocar determinadas emoções e levando-o a certas percepções dos fatos narrados. No fragmento 3, referente aos efeitos da chuva, também está em jogo propiciar no leitor certas emoções e valores, para que haja uma identificação com os sentimentos de Anne e, por consequência, reconhecimento de que aquilo ocorreu ou no âmbito ficcional, ou no âmbito real. No leitor, espera-se minimamente o experienciar dos efeitos da Guerra por meio da linguagem escolhida para a elaboração do diário. Em se tratando de *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018), isso é possível sob a perspectiva narrativa de Anne na condição de narradora e na de protagonista. Com o texto em quadrinhos, o leitor se desloca no tempo: do presente (século XXI) ao passado (final da primeira metade do século XX).

Vergueiro (2014b), quando apresenta as funcionalidades dos quadros, também aponta a inter-relação entre eles como forma de “[...] extrapolar os limites dos quadrinhos, fazendo com que parte da ação se desenrole fora deles” (Vergueiro, 2014b, p. 39). Uma flecha, exemplifica, pode ser lançada em um quadro cuja trajetória segue para os quadros seguintes: o lançamento ocorre em um quadro (momento), contudo o alvo pode ser alcançado no seguinte. Além disso, é possível nesse ínterim ser utilizado um quadro para enfatizar a própria trajetória. Nesse caso, há uma conexão com a duração da ação e conseqüentemente do tempo. Em *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018), a inter-relação entre os quadros aparece de duas maneiras: (1) um mesmo balão perpassa mais de um quadro (fragmento 4) ou (2) uma ação começa em um quadro e termina em outro (fragmento 5).

Fragmento 4 - Ameaça constante à vida

Domingo, 12 de julho - Quarta-feira, 2 de setembro de 1942



Fonte: Folman e Polonsky (2018, p. 30).

No fragmento 4 (correspondente a uma página do diário), composto por cinco quadros, distribuídos em três andares, observa-se a chegada da família van Daan ao Anexo Secreto. No fragmento, está presente a primeira maneira de inter-relação das vinhetas: um mesmo balão está perpassando mais de um quadro. Por meio dos balões, ocorrem os diálogos entre as personagens. Tal recurso quadrinístico é formado por dois elementos: o continente e o conteúdo. Aquele divide-se entre o corpo e o apêndice (ou rabicho). Um balão de fala de formato comum, de corpo curvilíneo, como o utilizado para a senhora van Daan (último quadro), é

formado pelo rabicho, cuja função é indicar quem é o detentor do dizer. Já o conteúdo diz respeito às palavras ou à imagem presentes no interior do balão (Acevedo, 1990; Ramos, 2010).

No primeiro quadro (fragmento 4), equivalente à largura da página, Anne apresentou, por meio da legenda (formato de retângulo), a família com a qual os Frank dividiu o espaço do Anexo Secreto. A partir do símbolo da estrela de Davi amarela presente na roupa das personagens, notou-se que eram judeus. Anne apresentou o senhor van Dan (Hermann), Auguste (a esposa) e Peter (o filho), respectivamente, como: um dos funcionários que trabalhava na empresa de Otto, uma “diva do inferno” (Folman; Polonsky, 2018, p. 30) e medroso. A primeira impressão que Anne teve das três personagens já antecipa a relação conflituosa que ocorreria entre ela e a senhora van Daan (Auguste).

Nos três quadros seguintes, foram expostos a maneira como os van Daan lidavam com a ameaça constante de morte. Sobre a senhora e o senhor van Daan, há bombas que retratam os riscos que os moradores do Anexo Secreto corriam de serem bombardeados a qualquer momento. A senhora Auguste, na visão de Anne, escolheria morrer sentada em seu penico. Escondido, o objeto era mantido embaixo da cama da mulher, assim como outros pertences que contribuía para que ela tivesse uma vida mais confortável no esconderijo. Desde que conseguisse manter sua “pose de dama”, ela não se importava em ser egoísta com os demais moradores. No quinto quadro, ao dizer que Edith também devia ter segredos, Auguste confirmou a ideia de que tinha segredos (escondia objetos). A forma como Anne imaginava que a senhora van Daan lidaria com a morte mostra o quanto a garota a via como uma pessoa egoísta e arrogante.

Já o senhor Hermann, diante da ameaça de morte, tomava várias xícaras de seu chá preferido. Peter, ao contrário de seus pais, mencionou que não pretendia morrer no Anexo, pois ainda existiam muitos motivos para viver. Nas mãos do garoto, havia uma revista cujo conteúdo era aparentemente erótico. Esse fato é reforçado pela fala do pai em tom alto. O corpo do balão sinaliza o modo como ele chamou a atenção do filho. O comentário de Anne, feito na parte inferior da personagem, é lido depois da fala exclamada do pai. Assim, entende-se qual era a expectativa do jovem: mesmo se mostrando extremamente medroso, era esperançoso às vezes. A Guerra e o aprisionamento intensificavam diariamente a ideia de que a morte era iminente. No entanto, às vezes surgiam momentos de esperança e de que haveria uma vida feliz e livre, após o término da Guerra e derrota dos nazistas.

Entre o quarto e o último quadro (fragmento 4), nota-se a inter-relação estabelecida pelo balão-grito. O dizer é retratado no quarto quadro, segundo andar da página. Ainda nesse quadro, o rabicho começa, prolongando-se para o último, na linha seguinte, também local onde está o senhor van Daan, a cozinha do Anexo. Tem-se a impressão de que o balão “invadiu” o quadro anterior, porque se trata de uma fala exclamada, feita em tom mais alto, semelhante a um grito. Por isso, a trajetória inversa, de quem disse (o pai) a caminho de quem deveria ouvi-lo (o filho), dá esse efeito “invasivo” (de baixo para cima). A direção da sequência narrativa é de cima para baixo, conectando dois lados do registro: (1) a percepção de Anne em relação à família van Daan (segundo andar da página, do segundo ao quarto quadro), com (2) a chegada dos novos moradores do Anexo (a história narrada).

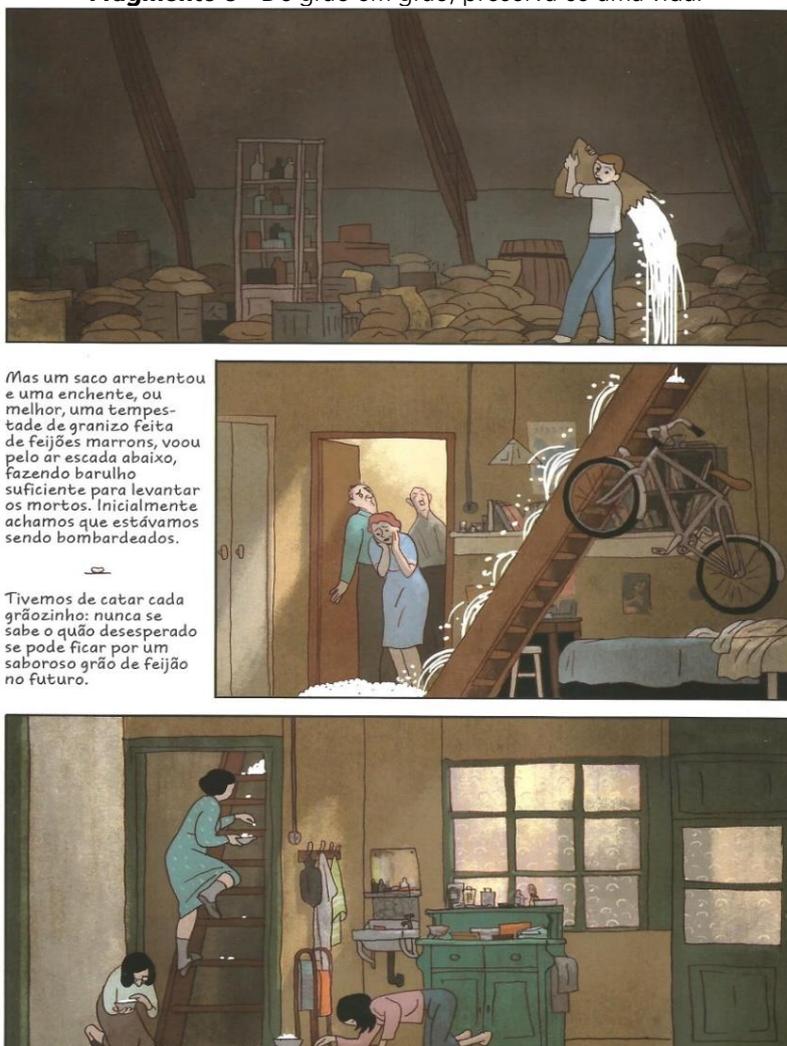
Nota-se que o contorno dos quadros deve ser considerado para que os sentidos sejam construídos a partir dos acontecimentos apresentados. “O *layout* mais básico dos quadrinhos é aquele em que tanto seu formato como sua proporção permanecem rígidos. O quadro serve para conter a visão do leitor, nada mais”, como define Eisner (2010, p. 44) em relação ao quadro na forma “contêiner”, como já mencionado anteriormente. Além dessa função de moldura, o contorno pode trazer outros sentidos para a história desenvolvida. “Pode expressar um pouco da dimensão do som e do clima emocional em que ocorre a ação, assim como contribuir para a atmosfera da página como um todo” (Eisner, 2010, p. 45). O contorno que se afasta do formato “contêiner” convida o leitor a participar da ação ou contribui para que a ação “vá” em sua direção. McCloud (2005) acrescenta que os diferentes formatos dos quadros molduram o tempo, de modo que as ações sejam retratadas organizadamente ao leitor.

No fragmento 4, o primeiro e o quinto quadro foram contornados por uma linha reta, esboçando dois retângulos, estendidos em relação à página do diário em quadrinhos. Neles, foram retratadas situações reais no tempo da narração: a chegada da família van Daan e um momento do cotidiano, após a instalação dos moradores em questão. São fatos narrados e vinculados à visão objetiva do tempo (antes-e-depois), configurando um enredo de desenvolvimento cronológico. Já o segundo, o terceiro e o quarto quadro não possuem contornos, pois são materializações da percepção de Anne sobre tais moradores. Assemelham-se a situações imaginadas e “isoladas”, não estabelecendo entre si uma relação de ações vinculadas ao tempo do antes-e-depois. Possuem um caráter descritivo e valorativo ao mesmo tempo que fazem parte do fluxo narrativo. O balão onde foi exposta a fala do senhor van Daan, ao ligar o quinto com o quarto quadro, funde o real com o imaginário. Eisner (2010) menciona

que a falta de contorno pode expressar espaços sem limites, abrangendo o que não pode ser visualizado pelo leitor, e sim o que pode ser facilmente inferido. É um exemplo de representação do invisível, segundo McCloud (2005), pois ultrapassa o visualmente acessível e “palpável”, a fim de que desencadeie certos efeitos no leitor. Aquilo que é retratado por cada história em quadrinhos deve levar o leitor à interpretação do que está por trás do lido.

Quanto à segunda maneira de inter-relação entre os quadros no diário em quadrinhos, ou seja, quando uma ação começa em um quadro e termina em outro, observou-se sua ocorrência apenas uma vez na narrativa, como pode ser visualizado no fragmento 5.

Fragmento 5 - De grão em grão, preserva-se uma vida.



Fonte: Folman e Polonsky (2018, p. 49).

Eisner (2010) esclarece que o limite, visto nos quadros e estabelecido pelo contorno rígido, pode ser transferido para a página toda. A página, nesse caso, se tornaria o que ele chama de “metaquadrinho” (Eisner, 2010, p. 65). O fragmento em análise foi composto por três quadros, dispostos um embaixo do outro, ocupando uma página toda do diário em quadrinhos. Os quadros representam três cômodos do Anexo Secreto. O primeiro equivale ao sótão; o segundo, ao andar onde ficavam o quarto de Peter, o dos pais, a sala de estar e a cozinha; e o terceiro quadro corresponde ao andar onde estavam localizados o banheiro, o quarto de Anne e o dos pais e irmã.

Na narrativa, anteriormente ao fato expresso no fragmento 5, Anne relatou que havia sacos de feijão espalhados por todo o Anexo. Por isso, os moradores decidiram armazenar o alimento no sótão. A explicação da personagem prosseguiu no fragmento em foco, com o uso de uma legenda sem contorno, constituída por dois parágrafos (à esquerda). Um grão de feijão, elemento de destaque, foi utilizado como marco para a divisão dos parágrafos.

No primeiro parágrafo, Anne contou que, durante o transporte dos sacos de feijão para o sótão, um saco rasgou e uma grande quantidade de feijão espalhou escada abaixo. Pode-se dizer, levando em consideração os recursos quadrinísticos, que os feijões desceram quadros abaixo, estabelecendo uma inter-relação entre os quadros. Ao ouvirem os grãos caindo pela escada, os moradores do Anexo pensaram que o local estava sendo atingido por bombas. Isso mostra que a pressão psicológica causada pelo confinamento e pelo medo da Guerra era tão grande nas personagens que qualquer barulho alto ouvido por elas fazia com que pensassem em explosões. No primeiro quadro, Peter, que estava com o saco de feijão sobre as costas, foi surpreendido ao perceber que tal saco havia rasgado e que os feijões estavam caindo pelo chão. No segundo quadro, é possível observar os grãos de feijão descendo pela escada do andar de baixo. Auguste, chocada e entristecida, olhou para os grãos amontoados no chão. A expressão da senhora, além de transparecer o susto causado pelo barulho da queda dos grãos, expressou sua tristeza ao constatar que haviam perdido mantimentos, reforçando a importância dos alimentos no Anexo.

No segundo parágrafo do relato, Anne contou que ela e seus companheiros de confinamento recolheram todos os feijões, pois não sabiam por quanto tempo ainda permaneceriam ali, nem até quando teriam alimentos para todos. A necessidade de economizar alimentos se confirma no terceiro quadro. Nele, percebe-se que alguns grãos rolaram mais um lance de escada, chegando a outro andar. Edith e filhas aparecem recolhendo os feijões do chão.

A miséria, no período da Guerra, era geral e tornava-se mais intensa para aqueles que não podiam sair em busca de alimentos, como era o caso dos moradores do Anexo. Qualquer grão de feijão que pudesse ser poupado era uma pequena garantia de alimento no futuro e, conseqüentemente, de sobrevivência. Nesse caso, ser judeu era estar escondido, também lutando contra a fome.

Uma vez entendidos os quadros como unidades narrativas de uma história em quadrinhos, as funções e as possibilidades de conexão, são estabelecidas algumas relações entre a linguagem quadrinística e as identidades humanas na sequência.

5 IDENTIDADES HUMANAS E O DIÁRIO EM QUADRINHOS: ALGUMAS CONEXÕES

Uma das forças propulsoras que desencadeia uma crise identitária em Anne fatalmente é a Segunda Grande Guerra Mundial (1939-1945) (aqui tratada como Guerra). Pode-se dizer que, enquanto a jovem e demais moradores estiveram no Anexo Secreto por cerca de dois anos, tudo aquilo que poderia defini-la identitariamente no mínimo foi questionado. Foi posto à prova.

Fragmento 6 - Mesmo sozinha, ainda tinha escolhas.



Fonte: Folman e Polonsky (2018, p. 9).

Antes, mesmo com 13 anos e sentindo-se solitária (fragmento 6), ela tinha o direito de ir à escola, ter amigos e família, ter uma festa de aniversário, ser admirada pelos garotos e por eles ser cotejada. Mas, com a chegada do fanatismo nazista – o crescimento da política nazista e, com ele, o antissemitismo – tudo lhe foi “arrancado”. Os vínculos sociais foram abruptamente interrompidos, sem que ela pudesse escolher ou questionar. Era um “crime” ser judeu, seja qual grau fosse (fragmento 1). Não precisava ser um/a judeu/judia ortodoxo/a ou claramente praticante da religião. Bastava ser, em alguma medida, judeu ou judia. Uma rotulação aparentemente simbólica se tornava a “sentença de morte” de qualquer judeu ou judia. Assim, restou a Anne lidar com as condições e normas postas de maneira a constantemente realizar adaptações ou ajustes no âmbito identitário. Aí, instaura-se uma evidente crise identitária que o leitor tem acesso para compreendê-la por meio dos relatos da jovem no diário (em quadrinhos). A partir de duas funções narrativas, pertencentes ao mundo ficcional-quadrinístico, a de protagonista e a de narradora (diarista), representa-se a realidade perversa vivida por uma jovem judia, uma pessoa, uma humana que estava circunscrita em mundo e tempo de guerra. Por isso, é possível a aproximação entre alguns aspectos sobre as identidades humanas (Bauman, 2005;

Silva, 2014; Woodward, 2014) e alguns pontos sobre o processo identitário de Anne no diário em quadrinhos (Folman; Polonsky, 2018).

Nesse sentido, quando Woodward (2014, p. 13) aponta que a identidade é dependente da diferença, sendo que esta requer ou se pauta em “[...] uma *marcação simbólica* relativamente a outras identidades [...]”, claramente a Estrela de Davi nos braços dos judeus (e posteriormente os números tatuados nos punhos quando levados aos campos de concentração) constitui uma marca, um registro para separar as pessoas judias das não judias. Classificadas, excluídas e julgadas como inimigas do progresso dos alemães, tais pessoas perdiam até a condição de serem vistas e tratadas como humanas, transformando-se em “lixo”, “sanguessugas”, “parasitas” ou “ratos⁷” sob a ótica dos nazistas. Do lado alemão, a suástica era a marca simbólica dos adeptos ao Nazismo, também estampada nos uniformes (nas mangas e outros itens), bandeiras etc., como exemplificado por meio do fragmento 2 (consulta veterinária).

A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes.

Podemos dizer que onde existe diferenciação – ou seja, identidade e diferença – aí está presente o poder. A diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas. Há, entretanto, uma série de outros processos que traduzem essa diferenciação ou que com ela guardam uma estreita relação. São outras tantas marcas da presença do poder: incluir/excluir (“estes pertencem, aqueles não”); demarcar fronteiras (“nós” e “eles”); classificar (“bons e maus”; “puros e impuros”; “desenvolvidos e primitivos”; “racionais e irracionais”); normalizar (“nós somos normais; eles são anormais”) (Silva, 2014, p. 81-82).

Assim, entende-se que a formação identitária e a demarcação das diferenças (sempre imbricadas) de Anne também eram frutos de classificações, divisões e separações, para que as relações de força (poder) fossem definidas, instituindo hierarquias rígidas e opressivas: quem era classificado como judeu e quem era classificado como nazista; de um lado, quem apoiava os judeus e conseqüentemente contrário aos nazistas e, de outro, quem era nazista e aliado, por exemplo. Instaura-se uma relação mutuamente conflituosa entre inimigos propositalmente construídos pelo Nazismo (que em si era antissemita). Resignificam-se as expressões linguísticas “ser judeu/judia” e “ser nazista” como posições antagônicas tanto social, política, ideológica

⁷ Em *Maus: a história de um sobrevivente*, o quadrinista Art Spiegelman (2009) retratou os judeus como ratos, personagens antropomorfizadas. Assim, ficou evidente o processo de desumanização instaurado na época por meio do Nazismo.

quanto discursivamente. A identidade e a diferença se constituem, alicerçando-se na própria linguagem, inclusive na quadrinística, também entendida como tal e autossuficiente para a construção dos sentidos (Acevedo, 1990; Cagnin, 2014; Eisner, 2010; McCloud, 2005; Ramos, 2010; Vergueiro, 2014b).

No fragmento 2, Anne vai mostrando ao leitor como a perseguição aos judeus foi uma prática criada, construída e fortalecida à medida que mais pessoas se colocavam ao lado do Nazismo. Por consequência, eram classificadas como nazistas e tinham como inimigos os judeus. Trata-se de um exemplo de como, a partir da linguagem quadrinística, é possível a compreensão da identidade e a diferença como processo e construção que se expandem, em função da colaboração das demais pessoas social e historicamente situadas. É a Guerra exercendo sua força, exigindo das pessoas tomadas de posição como sujeitos sociais (e históricos). Tudo isso afeta os posicionamentos dos sujeitos nos âmbitos cultural, político e ideológico, materializados na linguagem, que é simbólica e repleta de sentidos.

A partir do diário em quadrinhos, situado e narrado pela ótica de Anne, são compreendidas algumas particularidades ligadas às diversas formas de construção de uma identidade humana e diferenciações. Ao mesmo tempo se entende como a identidade aparentemente estável é questionada, desmontada e desconstruída. Como visto, a Guerra funcionou como uma dessas forças propulsoras para o processo de questionamento, esfacelamento (desmonte) e desconstrução identitária de Anne, implicando uma crise identitária, sobretudo pela subversão de afirmação como judia para culpa, negação, em certa medida. Não lhe foi dado o direito de escolha. A crise identitária lhe foi imposta, para que outra identidade fosse construída e instituída, a nazista, visando o “topo” da hierarquia do poder (força opressiva e decisiva). Anne representa uma identidade judia que é marcada como um diferente não desejado, ou melhor, um diferente odiado, a tal ponto de também se desejar seu extermínio, seu desaparecimento. Desse desejo, ações subsequentes são apreendidas, como já apontadas anteriormente.

Com base em Bauman (2005), Silva (2014) e Woodward (2014), pode-se dizer que a complexa formação identitária – construção, questionamento, fragmentação e desconstrução – de Anne se tornou urgente e necessária em função de algo externo a ela, de algo que lhe foi imposto. Anne em si, antes da Guerra, já trazia uma propensão à incompletude, quando ela enfatizou a solidão (fragmento 6). Ela já se percebia como sujeito incompleto e interpelado a tomar posições não por escolha, e sim por imposição. Precisava assumir a identidade de uma

garota judia, uma mulher que futuramente deveria casar-se também com um judeu (fragmento 7). Ela precisava se ajustar a certos padrões sociais típicos para a época. Isso ficou mais evidente quando todos estavam aprisionados no Anexo Secreto.

Fragmento 7 – Anne devia se casar com um judeu, segundo as tradições.



Fonte: Folman e Polonsky (2018, p. 20).

Ainda se percebe que ela era tida como aquela que estava em “desencaixe”, a diferente, a “estranha”, porque se sentia livre, em certa medida, em posicionar-se, falando o que pensava, em mostrar suas emoções, como observado na descrição em tom irônico e crítico quando a família van Daan chegou ao Anexo (fragmento 4). Já no fragmento 7, a aparente indiferença, quando Anne disse que não se apaixonaria por Hello, reafirma que, apesar da opressão que

sofria, ainda encontrava momentos de subversão, ruptura ao previamente estabelecido. Nesse ponto, compreende-se que a identidade, além de ser um processo de construção, envolve constantemente reconstruções (refazer), motivadas pelos questionamentos e conflitos. Se Anne pretendia trilhar um caminho identitário de determinada maneira – por exemplo, casando-se (se assim desejasse) com quem quisesse e amasse, trabalhando como mulher independente etc. – frequentemente havia forças contrapostas no Anexo Secreto. Desse modo, resgatando o objetivo principal deste artigo – compreender como a Guerra influenciou na formação identitária da protagonista e narradora em *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018) – é possível dizer que a Guerra, que levou à fuga e ao refúgio no Anexo Secreto de Anne e demais moradores, se configura, mais um vez, como uma das principais influências – forças propulsoras – para o questionamento, esfacelamento e desconstrução identitária de Anne. Por mais que ela procurasse a unidade, a completude e a estabilidade identitária, isso constituía um desejo ou um objetivo buscado pelos sujeitos, incluindo a garota, porém estruturalmente ilusório. “As pessoas em busca de identidade se veem invariavelmente diante da tarefa intimidadora de ‘alcançar o impossível’” (Bauman, 2005, p. 16).

Como afirma Bauman (2005, p. 30), é inegável que os sujeitos líquido-modernos busquem “âncoras sociais” e a completude, porque acreditam que a identidade é algo natural, que com ela nascem, já pronta, acabada e imutável. Ilusoriamente, tais sujeitos direcionam as próprias vidas em prol de uma unidade, uma essência inexistente. Relacionando com a vida dos judeus desde o início do antissemitismo e com a Guerra, já se mostrava como uma condição posta sócio-historicamente: a busca pelo impossível. Assim, como destaca Bauman (2005), Silva (2014) e Woodward (2014), a identidade e a diferença, entendidas como mutuamente dependentes, não estão sob o controle do próprio sujeito. Os sujeitos estão situados em um contexto sócio-histórico, cultural e ideológico que lhes impõe condições, regras e normas, para que se ajustem a elas, sem direito à escolha. Em relação a Anne, a Guerra – tendo, dentre os fundamentos, a anulação física e simbólica dos judeus (antissemitismo) – era uma “regra”. Ela normatizou (no sentido de impor uma norma e de naturalizar, tornar normal) a vida de Anne e de outros, porque eles eram judeus e porque foram classificados como os inimigos, os culpados pelos infortúnios dos alemães, estes tidos como cidadãos legítimos de um país.

Fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e diferença. Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade

específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas (Silva, 2014, p. 83).

Seguindo a política nazista, instaurada durante a Guerra, afirma-se a identidade nazista e antissemita. Em contrapartida, nega-se a identidade judia, tornando esse processo propositalmente natural, de modo a mascarar as facetas construtiva, reconstrutiva, fragmentada e desconstrutiva. A identidade e diferença intencionalmente são afastadas do princípio da incessante reformulação, no ponto de vista do Nazismo. Com isso, mascaravam-se os reais problemas socioeconômicos da época, gerados em parte pelas perdas de países europeus na Primeira Grande Guerra Mundial (1914-1918) e pelos gastos com a reconstrução, imposições postas no Tratado de Versalhes (Rodrigues, 1988; Visentini, 2003).

E, diante de um país em ruínas e de uma população empobrecida, fragilizada e desesperançosa, as soluções políticas alicerçadas em modelos autoritários florescem e fortalecem-se, pois facilmente as pessoas acreditam em “milagres econômicos” e em equivocadas narrativas, sempre protagonizadas por uma “figura salvadora”. Um deles foi Adolf Hitler. Entretanto, se existe um “salvador” ou “herói”, é necessário que haja um inimigo ou um “bode expiatório” a ser perseguido, culpado e aniquilado: os judeus. Em meio a tudo isso, o processo complexo de formação das identidades das pessoas envolvidas são postas à prova: elas, na condição de sujeitos, são interpeladas a posicionar-se discursivamente, a questionar, fragmentar, desconstruir e reconstruir as próprias identidades. Trata-se de um jogo cuja partida final jamais será alcançada. Tais sujeitos sempre serão convocados a atuarem como jogadores. A opção não jogar inexistente e não é uma escolha disponível.

Como a Guerra influenciou a formação identitária de Anne? O cotidiano da família Frank e demais moradores do Anexo Secreto funciona como uma representação da “vida” em tempos de guerra. Particularmente, refere-se às estratégias de sobrevivência durante a Segunda Grande Guerra Mundial (1939-1945) (um exemplo de guerra total com base em Dall’Agnol e Dornelles Jr. (2017)). Trata-se de uma Guerra caracterizada de maneira multifacetada, destacando-se: (a) a ascensão do Partido Nazista e de sua doutrina (também uma forma de percepção do mundo), tendo como principal líder Adolf Hitler; (b) a perseguição descabida, perversa e predatória a determinados grupos (negros, deficientes, homossexuais e ciganos), sobretudo aos judeus (antissemitismo); (c) os campos de concentração e as câmeras de gás, para “varrer da face da Terra” o povo judeu (extermínio), tidos como o grande inimigo do progresso alemão e da consolidação de uma raça ariana (pele branca, cabelos e olhos claros); (d) as bipolarizações

diversas, por exemplo, entre nazistas e judeus, entre nazistas e contrários; (e) o lançamento das duas bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki, ao final da Guerra, para forçar a rendição do Japão e por ser uma resposta à invasão à base naval norte-americana de *Pearl Harbor*. A partir dessas características destacadas, ainda se deve acrescentar uma rotulação chocante, perversa e desumana para a Guerra em questão: ela é tida também como um exemplo de “indústria da morte”.

Com a Guerra, tudo mudou para os judeus; tudo mudou para Anne, familiares e demais moradores do Anexo Secreto. Inicialmente, ocorreu a divisão da família Frank, quando os pais e a irmã foram para Holanda, enquanto Anne foi morar com a avó. Lá em Amsterdã, o pai abriu a fábrica Opekta e, ao mesmo tempo, preparava o esconderijo. Como exemplificado nos fragmentos 6 e 7, a rotina de Anne mudou abruptamente, mesmo não sendo uma vida muito feliz. Mas, posteriormente, no desenvolvimento dos registros no diário (também desenvolvimento cronológico do enredo e desdobramentos progressivos da Guerra), infere-se que era, sim, uma boa vida, já que era livre. Antes, a liberdade usufruída fora do Anexo Secreto poderia ser até previsível e solitária. Porém, aprisionada por dois anos, sob constante ameaça de todos os moradores serem descobertos, presos ou mortos por um dos inúmeros bombardeios, tornava o passado já vivido algo desejado e ressignificado.

Dessa forma, quase todos os registros foram feitos no diário e dedicados explicitamente à Kitty durante a (sobre)vivência no refúgio. A Guerra acarretou esse aprisionamento, em primeiro lugar, físico e social e, em segundo, psicológico e identitário como forma de sobreviver, lutar pela vida, resistir e esperar por um futuro diferente, pelo menos alicerçado na paz e na liberdade. Mas era uma incógnita! Nesse aspecto, as incertezas, as ameaças frequentes contra a liberdade para viver já acarretavam uma desestabilidade identitária. Por que ser judeu repentinamente se tornou um problema para os nazistas? O que Anne, de fato e comprovadamente, tinha feito de errado? Quais eram os seus crimes? Simplesmente era ser judia. De maneira evidente, pelo diário, compreende-se como o processo classificatório das pessoas judias em inimigos interferiu na formação identitária de Anne. Não mais possuía o direito às escolhas, nem às cotidianas (ir à escola, usar um transporte público etc.).

Quando aprisionada, isso se intensificou, porque, pressionados, amedrontados e incertos quanto ao futuro, os adultos julgavam Anne, tentando enquadrá-la – e sem o direito de escolha – quanto aos modos de agir, pensar, falar e colocar-se no mundo, de acordo com padrões sociais preestabelecidos para as “boas moças” (comportadas, recatadas, preparando-se para serem

“boas esposas”) (visão machista-patriarcal). Contudo, ali, no Anexo, tudo isso tinha sido posto à prova, tornando-se irrelevante, porque, em tempo de Guerra, o mais importante era sobreviver. Talvez, com base em Bauman (2005), pode-se dizer que seriam as “âncoras sociais” interpelando – uma missão impossível – os moradores a resgatarem as identidades centradas, fixas e estáveis. Por mais que as identidades estejam em processo de formar-se, desfazer-se e refazer-se constante em função da Guerra, o desejo por completude, estabilidade, segurança e liberdade era inevitável. Seja o desejo que não se realiza, sejam as exigências postas pela Guerra e pelas pressões sociais advindas dos moradores adultos, tudo isso trazia à jovem Anne dor, sofrimento e tristeza. Portanto, não só a Guerra se evidencia como uma força propulsora da crise identitária de Anne, como também nela desencadeia um infindável processo de formar-se, desfazer-se e refazer-se. Por isso, é importante entender a materialização da Guerra na linguagem quadrinística, também observando-se as tentativas de Anne de romper o “dado” e ressignificando o próprio cotidiano na condição de jovem mulher aprisionada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de *O diário de Anne Frank em quadrinhos*, uma recriação feita por Folman e Polonsky (2018) a partir do diário em prosa (Frank, 1947/2022), aqui exemplificados em sete fragmentos, possibilitou a identificação das principais influências da Guerra na formação identitária da jovem judia. Em primeiro lugar, a crise identitária ficou evidente a partir do momento que Anne e família foram obrigadas a abandonarem a própria casa, refugiando-se no Anexo Secreto. Ela foi obrigada a renunciar todas as “âncoras sociais” inicialmente entendidas como relativamente estáveis, como o lugar onde morava, a escola, a gata e as amigas. Por mais que Bauman (2005) afirme que a completude identitária seja uma ilusão ou um objetivo inalcançável, mesmo assim, a partir dos registros feitos por Anne, infere-se uma crença de que isso seria possível ou, ao menos, desejável. Nesse sentido, justifica-se o apego da garota e demais moradores no Anexo Secreto às lembranças da vida anterior à Guerra e a certa esperança de que a paz e a liberdade um dia poderiam se concretizar.

Em segundo lugar, uma vez desencadeada a crise identitária sobretudo em Anne, diariamente as identidades até então “formadas”, constituídas, eram postas à prova. O isolamento social e a convivência com pessoas que frequentemente a julgavam transformaram os questionamentos ligados às identidades em uma normalidade imposta pelas mudanças

advindas com a Guerra. O antissemitismo que norteava a política nazista acarretou transformações sócio-históricas e político-ideológicas principalmente na Alemanha: os judeus foram rotulados como inimigos e culpados pelos “infortúnios” dos alemães. Deveriam, segundo a política nazista, ser perseguidos e aniquilados. Diante disso, observou-se que Anne representa uma parte das consequências vividas pelos judeus a partir da instauração do antissemitismo. Anne fala em nome daqueles que não tinham o direito de existir, viver livremente em sociedade, ir à escola, crescer, amadurecer, casar-se e constituir família se quisessem. A jovem judia fala principalmente em nome das mulheres da época e, em certa medida, das mulheres de hoje quando são submetidas às condições e normas sem o direito à escolha, a posicionar-se no mundo livremente.

Dia após dia, por meio dos registros feitos por Anne, entende-se que a Guerra desencadeou uma desintegração daquilo que se entendia como provisoriamente “estável”. Ela ia à escola, tinha amigos, podia circular entre as pessoas, podia viver socialmente, podia levar a gata ao veterinário, podia ser uma jovem, uma judia, uma adolescente... Mas, de repente, em função do Nazismo e que conseqüentemente afetava diretamente a percepção de mundo das pessoas, a “lógica” social e política se alterou. Assim, as pessoas foram obrigadas a agirem de maneira distinta, sendo perceptível não só sócio-histórica e político-ideológica, como também discursivamente (na linguagem). Por isso, graças ao texto em quadrinhos (o diário) e aos recursos e às estratégias nele em jogo, foi possível perceber as influências da Guerra na formação e transformação identitária de Anne, conseqüentemente agregando outros sentidos para a própria vida. A linguagem materializou aquilo que estava acontecendo no momento quando Anne estava registrando os acontecimentos e as reflexões no seu diário, destinando-se à Kitty em primeiro lugar. E, depois, sob a ótica de Folman e Polonsky (2018), por meio da linguagem quadrinística, em outra época, possibilitou às autoras deste artigo também compreender como um tempo histórico – a Segunda Grande Guerra Mundial (1939-1945) – se impõe como uma força perversa, predatória e desumana, principalmente sobre os judeus, configurando o conhecido Holocausto. Entende-se que a retirada do direito de escolha, de viver e posicionar-se livremente, configurando uma das facetas do ódio e do poder, destrói tudo aquilo que permite identificar uma pessoa na condição de sujeito histórico, social e humano. A Guerra corroeu identitariamente os sujeitos; e, no caso dos judeus, tentou-se transformá-los em pó...

REFERÊNCIAS

ACEVEDO, Juan. *Como fazer história em quadrinhos*. Tradução de Silvio Neves Ferreira. São Paulo: Global Editora, 1990.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BORGES, Maria Isabel; JESUS, Natália Marques de. Uma análise das memórias de Anne Frank na novela gráfica *O diário de Anne Frank em quadrinhos*. *Revista Metalinguagens*, v. 8, n. 2, p. 31-70, 2021. Disponível em: <https://metalinguagens.spo.ifsp.edu.br/index.php/metalinguagens/article/view/712>. Acesso em: 16 fev. 2024.

CAGNIN, Antonio Luiz. *Os quadrinhos: um estudo abrangente da arte sequencial, linguagem e semiótica*. São Paulo: Criativo, 2014.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Holocausto: crime contra a Humanidade*. São Paulo: Ática, 2005.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Apresentação. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (Org.). *O anti-semitismo nas Américas: memória e história*. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2007. p. 1-18

DALL' AGNOL, Augusto César; DORNELLES JR., Arthur Coelho. Classificação de guerras: a problemática das (in)definições. *RBED - Revista Brasileira de Estudos de Defesa*, v. 4, n. 1, jan./jun. 2017, p. 45-58. Disponível em: <https://rbed.abedef.org/rbed/article/view/65352/42035>. Acesso em: 13 dez. 2023.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial: princípios e práticas do lendário cartunista*. Tradução Luís Carlos Borges, Alexandre Boide. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FRANK, Anne. *O diário de Anne Frank*. Tradução de Alves Calado. 96. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2022.

FOLMAN, Ari; POLONSKY, David. *O diário de Anne Frank em quadrinhos*. Tradução de Raquel Zampil. 3. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2018.

JESUS, Natália Marques de. O texto biográfico em quadrinhos "O diário de Anne Frank": uma análise. In: JORNADAS INTERNACIONAIS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, 5, 2018, São Paulo. *Anais...* São Paulo: USP, 2018. p. 1-15. Disponível em: https://anais2ajornada.eca.usp.br/anais5asjornadas/q_linguagem/natalia_jesus.pdf. Acesso em: 23 fev. 2024.

KOUNO, Fumiyo. *Hiroshima – a cidade da calmaria*. Tradução de Karen Kazumi Hayashida. São Paulo: JBC, 2010.

McCLOUD, Scott. *Desvendando os quadrinhos*. Tradução de Hércio de Carvalho e Marisa do Nascimento Paro. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2005.

ORTONA, Sandro. Anti-semitismo. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Tradução de Carmen C. Varriale; Gaetano Lo Mônaco; João Ferreira, Luís Guerreiro Pinto Cacaís e Renzo Dini. 11. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1998. p. 39-45.

RAMOS, Paulo. *A linguagem dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2010.

RODRIGUES, Luiz Cesar B. *A Primeira Guerra Mundial*. 8. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1988.

SATRAPI, Marjane. *Persépolis*. Tradução: Paulo Werneck. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SERRANO, Carlos. Hiroshima e Nagasaki: como foi o 'inferno' no qual morreram milhares por causa das bombas atômicas. *BBC News Mundo*, 6 ago. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/resources/idt-a05a8804-1912-4654-ae8a-27a56f1c2b8a#:~:text=Foi%20o%20suficiente%20para%20liberar,morrido%20no%20di%20da%20explos%C3%A3o>. Acesso em: 7 nov. 2022.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 73-102.

SPIEGELMAN, Art. *Maus: a história de um sobrevivente*. Tradução de Antonio Macedo de Moraes. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

TEIXEIRA, Thaís Fernanda Rodrigues da Luz; BORGES, Maria Isabel. *Persépolis: novela gráfica ou HQ autobiográfica?* In: NASCIMENTO, Cláudia Lopes; KAILER, Dirce Aparecida; NASCIMENTO, Elvira Lopes; BORGES, Maria Isabel; SANT'ANNA, Jaime dos Reis (Org.). *Mediações formativas para o ensino de língua portuguesa: experiências no PROFLETRAS II*. São Paulo: Fonte Editorial, 2019. p. 321-351.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino. RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (Org.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2014a. p. 7-30.

VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos: uma "alfabetização" necessário. In: RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro (Org.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2014b. p. 31-64.

VISENTINI, Paulo Fagundes. *As Guerras Mundiais (1914-1945)*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2003.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org. e trad.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 7-72.

AUTORIA

Maria Isabel Borges é doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Docente Adjunta do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina. Atua como docente e orientadora no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL-UEL). Atuou no Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras-UEL). Coordena o projeto de pesquisa "Quadrinhos e Análise Linguística: as personagens em atuação nas novelas gráficas".

Natália Marques de Jesus é doutoranda em Estudos de Linguagem, Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL), Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Membro do projeto de pesquisa "Quadrinhos e Análise Linguística: as personagens em atuação nas novelas gráficas", coordenado pela Dra. Maria Isabel Borges (UEL).